

CONFLITO ENTRE A FAUNA SILVESTRE E URBANIZAÇÃO: RESUMO DE TEMA

Giovanna Lourenço Palermo^{1*}, Giovanna Almeida Silva², Sofia Gabriela Drumond Colen³.

¹Médica Veterinária – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: giovannapalermo@live.com

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

³Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

O crescimento dos centros urbanos no Brasil ocorreu devido ao movimento do êxodo rural, juntamente com o desenvolvimento industrial, no início do século XX. Embora tenha sido um importante marco de desenvolvimento industrial no país, o aumento populacional urbano acarretou numa ocupação de espaços que anteriormente eram ocupados pela fauna e flora nativa, além de um aumento do uso de recursos naturais e da emissão de poluentes que contribuem para destruição do habitat natural dos mesmos⁹.

Assim, até hoje diversas espécies de animais buscam meios de se adaptar no novo cenário que difere de seu habitat, tendo mais dificuldades de encontrar abrigo e alimentos, além de lidarem com constantes conflitos de fauna, como atropelamentos, eletrocussão e maus tratos².

A diminuição ou fragmentação das áreas de florestas pode acarretar na extinção de espécies que não se adaptam às mudanças, ou que são mais sensíveis à destruição causada pela poluição do ar, água e solo⁹.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo discorrer a respeito do conflito de gestão de fauna em centros urbanos, visto que é um problema atual enfrentado pelas grandes cidades.

MATERIAL

A revisão de literatura foi fundamentada em artigos científicos disponíveis na base de dados da Scielo e do Google Acadêmico (scholar.google.com.br), de forma a priorizar trabalhos com até 10 anos de publicação. Nessa perspectiva, para realizar a pesquisa, foram utilizadas as seguintes estratégias de busca: (1) Conflito de fauna, (2) Urbanização (3) Animais Silvestres, (4) Gestão de fauna.

RESUMO DE TEMA

A natureza, quando vista como um meio de exploração, é vítima de uma produção desordenada. A cidade como forma de melhoria da condição de vida inicia o aumento de uso de recursos naturais, e automaticamente uma crescente construção de moradias e comércio. Tais mudanças impactam diretamente em desastres ambientais, que surgem mediante a um uso desenfreado de meios de exploração pelas empresas, não respeitando o habitat nem a diversidade da ocupação da fauna local.¹⁰ Essas atitudes afetam diretamente a transferência desses animais para outros meios na busca de alimento, que muitas vezes é escasso no ambiente em que está⁷. É parte de uma visão de prioridade sobre o lucro e vontade humana e desconsideração pela fauna como um todo.

As ações antrópicas vêm afetando diretamente não somente o aspecto espacial, como também influenciando as mudanças climáticas drásticas, que afetam o bem estar de toda uma população. Com o crescimento do fluxo de pessoas, conseqüentemente espera-se o aumento de atividades de fontes de energia, atividades agrícolas, desmatamento, entre outros. Isso favorece cada vez mais a extinção de espécies e a busca por um lugar para sobrevivência, pela poluição de recursos do solo, água, e ar. A aproximação de animais podem ser um risco quando em contato com a sociedade¹⁰.

A denominada fauna urbana começa devido a aproximação entre animais selvagens e a cidade, que proporciona condições adequadas para a sobrevivência das mesmas, devido a disponibilidade de alimento naturais, como os obtidos pelas plantações ou descarte de resíduos orgânicos de maneira inadequada, e também aqueles consumidos por animais domésticos, como ração¹².

Outra causa para maior frequência da vida selvagem dentro das cidades é a disponibilidade de abrigo associado a destruição de seu ecossistema.

Portanto, a existência de lixo ou entulhos expostos, a presença de acesso para os espaços entre o telhado e o forro (ou laje) das casas, madeiras empilhadas e frestas entre estruturas são ótimos lugares para a nidificação de várias espécies, facilitando a instalação desses animais no meio urbano¹².

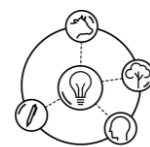
A infraestrutura urbana, como redes de fios elétricos, estradas e prédios espelhados, geram acidentes como eletrocussões, atropelamentos e colisões em vidraças¹¹, que aumentam a mortalidade da fauna urbana. Outra situação de risco é o acúmulo de resíduos sólidos, que além de beneficiar a aproximação de certas espécies, como os quatis (*Nasua nasua*), pode causar intoxicações alimentares ou lesões, além de disseminar os próprios resíduos, uma vez que os animais rasgam os sacos de lixo e transportam os restos de um local para outro para se alimentarem³.

Diante desse conflito, os Centros de Triagem de Animais Silvestres surgiram como uma alternativa para receber animais vítimas de tráficos e conflitos de gestão de fauna. Os CETAS são caracterizados como locais de recebimento, identificação, marcação, triagem, avaliação, recuperação, reabilitação e destinação destes animais silvestres provenientes da ação da fiscalização, resgates ou entrega voluntária de particulares³. Além dos CETAS, as organizações não governamentais (ONGs) também trabalham na intermediação entre profissionais e a sociedade, como a ONG Voluntários da Fauna, do município de Santa Maria, no RS. Os resgates devem ser feitos por meio de órgãos ambientais como Bombeiros e Polícia Ambiental, ou outras equipes de biólogos e médicos veterinários capacitados, a fim de realizar uma correta captura, além de proporcionar os cuidados adequados para posterior destinação⁸. No município de Belo Horizonte, em Minas Gerais, o SOS Silvestres do WAITA trabalha com o resgate de fauna desde 2023, atendendo a chamados de toda a região metropolitana¹³. A Instrução Normativa do Ibama nº 141/2006, que estabelece as diretrizes para o manejo da fauna sinantrópica no Brasil, recomenda que ações de retirada ou eliminação de espécimes deve ocorrer apenas depois de terem sido feitas todas as tentativas de manejo ambiental, como: remoção de alimentos, remoção de abrigos e proteção de animais domésticos³.

Os conflitos gerados pela fauna selvagem na cidade se relacionam com situações em que o animal oferece risco ao humano, ou o animal é vítima das ações antrópicas⁹. Devido a facilidade para encontrar abrigo e alimento dentro das cidades e a falta de predadores, algumas espécies de animais se adaptam e proliferam, como ratos e pombos¹². Um agravante para a interação entre a fauna sinantrópica e a população humana é o ato de alimentar espécimes, interrompendo ou retardando o processo adaptativo das mesmas, e diminuindo a distância entre o humano e o animal. Situações como essa ocorrem principalmente com primatas urbanos, atitude não recomendada pela SEMAS (Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Fernando de Noronha)¹².

Outro risco que o conflito de gestão entre fauna e centros urbanos gera é o risco de disseminação de zoonoses. As zoonoses são doenças transmitidas entre animais vertebrados e humanos, que também podem estar relacionadas aos impactos antrópicos ao ambiente. Nessas circunstâncias, os animais selvagens podem ser reservatórios de patógenos que, em contato com o humano, alteram as relações entre o agente e o hospedeiro, de modo a viabilizar a aparição de novas doenças. Um exemplo popular dentro das cidades é a leptospirose, que acomete o ser humano e praticamente todos os animais domésticos e selvagens, dentre os quais se destacam os carnívoros, roedores, primatas e marsupiais, que podem se tornar portadores e contribuir para a disseminação da doença¹. Em uma pesquisa feita para se identificar a leptospirose em animais silvestres, foi constatado que 42,8% dos ratos (*Rattus norvegicus*) e 40% dos gambás (*Didelphis marsupialis*) estudados na Fundação Parque Zoológico de São Paulo estavam contaminados⁵.

XIV Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



Além das zoonoses potencialmente perigosas nos conflitos entre fauna e meio urbano, existem também zoonoses que sofrem uma cultura de desinformação baseada em senso comum, que ameaça a vida de diversas espécies, como é o caso da febre amarela e os primatas não humanos. A febre amarela é transmitida exclusivamente por meio da picada da fêmea do mosquito contaminado⁴, ao contrário do que a população comumente acredita ser por meio de primatas não humanos. Os primatas agem somente como “sentinelas” da doença, ou seja, são importantes para os dados epidemiológicos de uma região, mas não transmitem a febre amarela para seres humanos. Por falta dessa informação, são vítimas de ataques que podem até mesmo matar exemplares de primatas, tanto na fauna urbana quanto rural⁴, sendo este um exemplo da necessidade de projetos de educação voltados para o tema.

Ações de educação ambiental para conscientização são indispensáveis acerca de animais comumente presentes no cotidiano urbano. Fornecer informações necessárias sobre manejo e comportamento é de suma importância para evitar maus tratos gerados por aversões decorrentes de mitos e crenças populares². Os projetos podem ser feitos com atividades relevantes, desde o público infantil até o público adulto. Para crianças, é interessante a realização de atividades lúdicas nas escolas que contenham animais silvestres, assim como parques municipais da região, incentivando uma conscientização e boa convivência entre a sociedade e esses animais desde a infância. Envolver acadêmicos de cursos que dialogam com essas questões pode também ser uma boa estratégia para estimular o respeito nessa convivência, especialmente para animais de pouco carisma. Visitações guiadas pelos zoológicos e aquários, presente em alguns centros urbanos, podem também ser uma forma de familiarizar e gerar uma aproximação com animais desconhecidos⁸. A educação ambiental é condição necessária para modificar um quadro de crescente degradação ambiental⁶.

Além da educação ambiental, para solucionar esses problemas é necessário primeiro observar suas origens, atuando de forma preventiva e corretiva a fim de minimizar a reincidência de casos. Na maioria das vezes apenas retirar o animal não é o suficiente, sendo necessário investimento financeiro e paciência para que os fatores que favorecem o aparecimento dos indivíduos sejam alterados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que o crescimento desordenado das cidades e a exploração de recursos naturais impactam diretamente a fauna, forçando sua adaptação ao meio urbano e gerando conflitos com a sociedade. Medidas como manejo ambiental e projetos de educação ambiental são essenciais para minimizar esses impactos. O CETAS, ONGs, órgãos ambientais e profissionais da área capacitados são essenciais para resgate adequado, e se necessário recuperação para o animal voltar ao seu habitat com manejo apropriado para cada espécie.. Além disso, conscientizar a população sobre zoonoses e o comportamento animal é fundamental para evitar riscos à saúde pública e promover uma convivência mais equilibrada entre humanos e animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACHA, P. N.; SZYFRES, B. **Zoonosis y enfermedades transmisibles comunes al hombre ya los animales**. 3ª Ed. Washington DC: Organización Panamericana de la Salud, 2003. 3 vols. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil. 2005.
2. ARANDA, R.; SILVA, I. K. **Caracterização de conflitos com a fauna urbana na cidade de Rondonópolis, Mato Grosso: aspectos culturais e sociais dessa relação**. A Bruxa: uma revista de biologia cultural. Volume 7, ISSN 2594-8245. Laboratório de Ecologia de Comunidade de Insetos, Instituto de Ciências Exatas e Naturais, Universidade Federal de Rondonópolis. Agosto de 2023.
3. BRASIL, **Instrução Normativa 5, de 13 de maio de 2021**. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA. 2020.

4. CAVALCANTE, K. R. L. J.; TAUIL, P. L. **Características epidemiológicas da febre amarela no Brasil**, 2000-2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 25, p. 11-20, 2016.
5. CORRÊA, S. H. R. et al. **Epidemiologia da leptospirose em animais silvestres na Fundação Parque Zoológico de São Paulo**. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, v. 41, p. 189-193, 2004.
6. GOULART, M. J. et al. **Educação ambiental para a prevenção da alimentação de animais silvestres no Parque Municipal das Mangabeiras – Belo Horizonte/MG**. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 33, n. 1, p. 95-111, 2016.
7. FARIAS, M. K. et al. **FAUNA SILVESTRE: UMA PAUTA NA AGENDA DAS CIDADES INTELIGENTES?**. *Revista Inclusiones*, v. 9, n. 3, p. 147-178, 18 nov. 2022.
8. ROMANOWSKI, H. P. **O BUGIO-RUIVO COMO ESPÉCIE BANDEIRA PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS DE PORTO ALEGRE**. Salão de Extensão, Porto Alegre, RS. Caderno de resumos. UFRGS/PROEXT, 2005.
9. VILELA, D. et al. **Gestão de conflitos com animais silvestres em centros urbanos**. Edição: 1. Editora: MPMG. ISBN: 978-85-61532-17-8. Belo Horizonte, 2016.
10. LOPES, J. P. Z. **URBANIZAÇÃO E CONFLITOS COM FAUNA SILVESTRE: AÇÕES E PERCEPÇÕES DA ONG VOLUNTÁRIOS DA FAUNA**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria, 2022.
11. BIONDO, D. et al. **Impactos da ação antrópica em indivíduos da fauna silvestre de Caxias do Sul e região: uma abordagem ex situ**. *Revista Brasileira de Biociências*. Edição v. 17 n.1 2019.
12. VALE, C. A.; PREZOTO, F. **FAUNA URBANA: QUEM VIVE AQUI?**. *CES Revista*, v. 33, n. 2, p. 119-146, dez. 2019. ISSN 1983-1625. Juiz de Fora, MG. dez 2019.
13. WAITA, **Projeto SOS Silvestres**. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://waita.org/projetos/projeto-sos-silvestres/>. Acesso em: 01 de outubro de 2024.

APOIO:

Grupo de Estudos em Animais Silvestres do Centro Universitário de Belo Horizonte (GEAS UNIBH)

